

---

## APRESENTAÇÃO DOSSIÊ “TRABALHO, GÊNERO E TERRITÓRIO”

As Jornadas do Trabalho (JdT) promovidas pela Rede CEGeT de Pesquisadores (RCP) são, entre outras coisas muito boas, momentos especiais para a inspiração e o entusiasmo face à novos projetos. Este dossiê e sua temática são resultado de um desses encontros: entre a vontade de dizer e a necessidade de criar.

Em outubro de 2014, algumas e alguns de nós estávamos na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), no Campus de Guarapuava (PR), participando da XV JdT. Lembro-me que Fernando Mendonça Heck, editor desta publicação, levantou junto aos colegas a necessidade de transformar o histórico e “artesanal” trabalho de editoração da Pegada em um afazer do nosso coletivo em rede. Um ano depois desse encaminhamento estávamos, também algumas e alguns de nós, na Universidade Estadual do Mato Grosso (UEMS), Campus de Jardim (MS) acompanhando mais uma JdT. Nas margens do Pantanal, o conselho editorial desta revista propôs, para a plenária final, publicar dossiês temáticos anualmente. Esses volumes ficariam sob a responsabilidade de organização das diferentes seções/grupos da RCP e acompanhariam os números regulares. A plenária final aprovou a proposta e hoje apresentamos o primeiro dos resultados desse novo projeto editorial.

Cada dossiê propõe, além de divulgar os resultados das pesquisas em curso e atualizar o debate teórico sobre o mundo do trabalho e suas contradições, expor as *grandes questões* que configuram a agenda de pesquisa em/da Geografia do Trabalho. De algum modo, a escolha dos temas revela as inquietações do nosso coletivo. Preocupações, objetos, assuntos díspares e plurais, que esperamos mostrem parte da complexidade, das possibilidades e das urgências de pesquisa na geografia atual.

Nesta ocasião contamos com a colaboração de oito autoras. Todas elas política, epistemológica e metodologicamente comprometidas com o uso do conhecimento acumulado e a construção do novo, ao serviço de um projeto de ciência e sociedade mais justo desde a perspectiva do gênero. Carmen, Jaqueline, Natalia, Aline, Luana, Laudiceia, Susana e Andressa abordam geograficamente o mundo do trabalho e suas expressões atuais, porém registram, visibilizam e nomeiam suas protagonistas e suas perspectivas: mulheres trabalhadoras formais, terceirizadas e precarizadas, em empresas prestadoras de serviços em Catalão, Goiás; camponesas que lutaram por *terra de trabalho* e hoje se

organizam na terra para sua reprodução, no assentamento de Reforma Agrária, Serra Dourada, também em Goiás; camponesas indígenas organizadas em movimentos sociais que reivindicam seus territórios por meio da ação coletiva, na Argentina; mulheres e homens trabalhadoras(es) autônomos da prostituição de luxo em Belém do Pará, que lidam, na sua prática profissional, com dispositivos coercitivos de gênero e sexualidade socialmente impostos e; mulheres trabalhadoras da indústria da construção naval e *off-shore* no Rio Grande do Sul que vivenciam a falta de espaço e representação, para a efetiva luta por direitos, dentro do movimento sindical.

Todas as pesquisas reunidas neste dossiê mostram que fazer geografia continua servindo para construir conhecimentos que nos possibilitem responder onde estamos. Todavia, essa resposta não passa por uma solução geométrica, presa a uma mistificação instrumental. As respostas dadas pelas pesquisadoras constroem um discurso, uma história sobre o mundo e nessa história "todos" torna-se "tod@s" e deixa de ser metodologicamente excludente. O gênero, como relação social, como fator de ordenamento da vida social e do território, nos possibilita diversificar e diferenciar processos e dinâmicas vivenciadas, representadas e construídas nas brechas de uma sociedade autoritária, normativa e desigual como a atual. Como as pesquisas mostram, o esforço teórico de introduzir essa dimensão analítica na pesquisa social responde a uma experiência prática que tod@s vivenciamos no nosso cotidiano: o injusto *devoir histórico* do feminino e sua vindicação contemporânea.

Em ocasiões de pesquisa, no momento em que a mulher passa a ser reconhecida como parte do todo – e conseqüentemente o homem também - ela se transforma em um *dado*. Todavia, esse dado é produto de uma formulação teórica implícita, poucas vezes submetida à discussão, que considera mulher toda pessoa nascida com sexo feminino. Esse critério se corresponde com uma concepção teórica grosseiramente naturalista/biologicista. Superar esse positivismo naturalista é também uma das contribuições das pesquisas que apresentamos. Avançar no caminho da leitura crítica dos empecilhos metodológicos para, além de "situá-los", construir estratégias metodológicas de superação é o desafio posto. De maneira especial para tod@s os que pensamos que nos territórios o gênero e a sexualidade são, entre outras, dimensões determinantes e libertadoras.

Muito obrigada às autoras pelas trocas e à Pegada pela oportunidade.

Boa leitura!

**María Franco Garcia**